

Um estudo sobre a violência a partir do texto literário “a confissão da leoa”

A study about violence from the literary text “the lioness’ confession”

Viviani Carla da Silva¹
Viviane Raposo Pimenta²
Alessandra Fonseca de Moraes³

116

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise da violência vivenciada por mulheres de Kulumani, dentro de tradições culturais, históricas e sociais, nas personagens do romance “*A confissão da leoa*” (2012), de Mia Couto. A obra literária apresenta a submissão, opressão, o silenciamento, a violência dessas mulheres recortadas a partir das personagens de Hanifa Assulua, Silência e Mariamar. Para analisar o *corpus* desse trabalho foram abordadas as teorias de Jaime Ginzburg (2013), Rildo Cosson (2006), Antonio Cândido (2006), a importância da etnografia literária e, Mia Couto como sujeito-escritor (etnográfico), juntamente com alguns conceitos sobre violência que dialogam com as teorias apresentadas.

Palavras-chaves: Literatura, Mia Couto, Violência, Mulher, Submissão.

Abstract: The present work proposes an analysis of the violence experienced by Kulumani women, within cultural, historical and social traditions, in the characters of Mia Couto’s novel “The confession of the Lioness” (2012). The literary work presents the submission, oppression, silencing, the violence suffered by these women has been withdrawn from the characters of Hanifa Assulua, Silencia and Mariamar. The theories of Jaime Ginzburg (2013), Rildo Cosson (2006), Antonio Cândido (2006) subsidized the analysis of the corpus of this work. The importance of literary ethnography and Mia Couto as subject-writer (ethnographic), were approached along with some concepts about violence that dialogue with the theories presented.

Keywords: Literature; Mia Couto; Violence; Woman; Submission.

1. INTRODUÇÃO

¹ Licenciatura em Letras Universidade Estadual de Minas Gerais

² Doutora em Letras Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais PUC

³ Doutora em Letras – Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais. E-mail: afm2203@yahoo.com.br

Recebido em 22/09/20221

Aprovado em 10/02/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Nesta pesquisa, objetivou-se, na perspectiva da etnografia literária (MENDOÇA, 2018), verificar como a violência é retratada no livro “A confissão da leoa” (2012), do autor moçambicano Mia Couto, através das personagens Hanifa, Silência e Mariamar. Nesse sentido, buscou-se verificar o impacto que essa violência causa nas vítimas.

O estudo se justifica se considerarmos que, embora esta não seja uma obrigatoriedade, o texto literário pode retratar aspectos da realidade. Assim, ao trazer para a literatura fatos que podem acontecer na vida real, o texto ficcional apresenta-se também como forma de denúncia em relação à violência existente na sociedade.

Os escritos de Mia Couto assinalam as devastações das guerras e as lembranças, doces e amargas, da vida em Moçambique. Deve-se considerar a importância de um autor moçambicano escrever sobre histórias vividas, sobre a realidade e a vivência do seu povo, relatos misturados às lembranças das brincadeiras, como o jogar futebol com os garotos. Essas memórias produziram um conjunto de significados que colorem docemente as lembranças, seja de quem as viveu como de quem não as vivenciou. Assim como a oralidade, as palavras escritas também fizeram parte na vida de Mia Couto ainda nos primeiros anos, quando tomou contato com os livros censurados pelo governo e que o pai trazia para Moçambique. Com isso, assimilou uma nova maneira de entender o mundo e de compreendê-lo pela fala, principalmente na voz de quem tinha muito a dizer e era pouco escutado. Mas também pela escrita, onde conseguiu extravasar todo o anseio poético que construiu a partir de mundos diferentes. (KRAMA, 2016 *apud* FONSECA e CURY, 2008). Com isso, percebemos como é importante abordar um escritor moçambicano, que reconta e dialoga com a história de seu povo.

Mia Couto também retrata em sua obra questões relacionadas à violência, ao sofrimento de um povo, à opressão política, social e sexual de sua época. Nessa perspectiva, consideramos tratar-se de uma obra relevante para as discussões sobre os pontos de conexão entre a realidade de um povo e sua história, e como essa história é contada na perspectiva da literatura.

Neste estudo, a violência será abordada pelo viés do texto de Mia Couto em diálogo com os estudos literários que têm sido realizados por autores como Jaime Ginzburg (2013), Antonio Cândido (2006) e Cosson (2006), com ênfase para o suporte teórico relativamente à violência apresentado por Ginzburg (2013) na obra “Literatura, violência e melancolia”, dentre outros estudos que serão abordados em diálogo com os autores aqui apresentados.

Para isto, este artigo está dividido em quatro partes, sendo esta introdução na qual apresentamos a temática, o objeto, os objetivos, a justificativa e a base teórica do estudo; a

segunda parte onde são apresentados o referencial teórico e a contextualização do estudo; a terceira parte composta da análise do corpus, seguida de algumas considerações não concludentes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

2.1. Etnografia literária

Mendonça (2018), aborda a etnografia literária do sujeito-escritor Guimarães Rosa, com a construção ao longo de materiais como notas de viagem, cartas, anotações de diário e reportagens poéticas; demonstrando como essa construção contamina os narradores posteriores de sua literatura.

Conforme Mendonça (2018), Guimarães Rosa confirma-se como sujeito-escritor voltado para a antropologia, quando constrói as suas notas de viagens, diários e, por conseguinte acaba contaminando os narradores de sua literatura. Tem-se então um narrador que arquitetando dentro do texto e contexto denominamos de etnógrafo e, logo surge a etnografia literária.

O sujeito-escritor voltado para a antropologia, também é abordado por Ávila (2007), “para elucidar que as etnografias nascem e encantam por aquilo que posto a descoberto, torna ainda mais bela e frágil existência humana: a diversidade nos modos de ser e viver”.

O termo etnografia conforme Aurélio (2010), apresenta um “método utilizado pela antropologia na coleta de dados; descrevendo aspectos sociais e culturais de um povo, grupo social”.

Portanto, podemos constatar dentro dos estudos de Mendonça (2018) e Ávila (2007), que o autor moçambicano Mia Couto, ao vivenciar e observar as lutas, os sofrimentos do povo moçambicano em relação a guerra civil, ao presenciar tradições culturais submeterem pessoas ao um sofrimento extremo por consequências das violências vividas por seu povo, também arquiteta dentro de texto e contexto, construindo com os seus diários, anotações de viagens, provérbios; valorizando o ponto de vista do outro, observando a realidade do povo moçambicano, tona-se também um antropólogo quando constrói e contamina os narradores de sua literatura, com isso temos a etnografia literária incorporada nos livros de Mia Couto.

Sendo assim, abordar a etnografia literária nesse artigo é relevante para melhor compreendermos texto e contexto dentro do texto literário, “*A confissão da leoa*” (2012), que é o *corpus* dessa pesquisa.

2.2. Mia Couto e sua obra

Antônio Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu em 5 de julho de 1955 na cidade de Beira, província de Sofala em Moçambique. Biólogo, jornalista e autor de vários livros publicados, entre poesia, contos, crônicas, romances, ensaios. Seu romance “Terra Sonâmbula” é considerado um dos melhores livros africanos do século XX. Recebeu uma série de prêmios literários entre eles o Prêmio Camões de 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras. (BACH, 2008)

Moçambique é um país localizado no sudoeste do Continente Africano, banhado pelo oceano Índico. A capital e maior cidade do país é Maputo. Tornou-se um país independente em 1975, depois de mais de quatro séculos de domínio do Império português, conseguiu a sua independência através de um acordo assinado pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e Portugal. Pouco tempo depois o país mergulhou em uma guerra civil intensa e prolongada que durou de 1977 a 1992, quando foi assinado o Acordo Geral de Paz, em Roma em 4 de outubro, pelo Presidente da República, Joaquim Chissano, e pelo Presidente da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana). Um país que tem como identidade uma história de lutas, violência, omissão, lendas, sonhos, esperança. (BACH, 2008)

Mia Couto, escreve em seus livros as oralidades das histórias ouvidas e vividas por ele dentro da cultura local. O autor transporta para os seus livros realidades e experiências vivenciadas nos fatos históricos como a guerra colonial e a guerra civil sofridas pelo povo moçambicano.

A literatura africana de língua portuguesa, em destaque para a Moçambicana, estabelece uma relação com a história de lutas pela independência e pela construção da nacionalidade.

Renomear e recontar a história é, para o autor Mia Couto um exercício de reafirmação contínua de si próprio.

Em Terra Sonâmbula (1993), Mia Couto reconta em seu livro os horrores da guerra civil misturando sonhos, uma existência obscura de guerras, devastações e abordando a instabilidade do país e, com isso, à falta de descanso da terra que permanece “sonâmbula”.

As personagens caminham entre dúvidas e certezas:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho”. (Prefácio do livro, Terra Sonâmbula (1993)).

Sendo assim, o livro “*A confissão da leoa*” (2012), que se trata do *corpus* dessa pesquisa, o autor narra a história de duas personagens, em capítulos alternados que em sinuosos monólogos narram acontecimentos de violência, opressão política, social e sexual. A história se passa na aldeia de Kulumani “um cemitério vivo, visitado apenas pelos seus próprios moradores” (COUTO, 2012, p.44), norte de Moçambique, devastada pela guerra civil:

Os escravos não deixam memórias sabem porquê? Porque não têm campa. Um dia destes, em Kulumani, ninguém mais terá campa. E nunca mais haverá lembrança de que aqui houve gente (...). Aqui moramos todos juntos, escravos e donos de escravos, os pobres e os donos da pobreza. (COUTO, 2012, p.93).

Em um desses sinuosos monólogos temos a história de Mariamar, filha de Hanifa Assulua, esposa de Genito Mpepe. Hanifa Assulua é uma mulher que não tem voz, amarga por nunca ter amado ou sido amada, por ser mulher e por nunca ter existido, perdeu as filhas gêmeas ainda crianças e acabava de enterrar mais uma filha, Silência, morta por consequência de um ataque de leões.

Hanifa Assulua, como todas as mulheres de Kulumani, não eram donas de suas vontades.

Entretanto, Kulumani era uma aldeia com um sistema matriarcal, as mulheres se antecipavam ao sol, colhiam lenha, buscavam água, acendiam o fogo, preparavam a comida, laboravam na machimba, avivavam o barro, tudo isso faziam sozinhas.

Em Kulumani, Hanifa Assulua e sua filha Mariamar são excluídas do sistema de ritos da aldeia por serem filha e neta de assimilados como nos mostra o autor em descrever o regresso do funeral de Silência filha de Hanifa, até o caminho de casa “no chão sagrado do nosso cemitério figurava mais uma cruz a mostrar que éramos distintos, entre muçulmanos e pagãos” (COUTO, 2012, p.14), e também por morarem em uma construção de cimento com telhado de zinco e divisões entre os cômodos, enquanto o restante da aldeia, moravam em palhoças de barros.

Em um dos contextos de opressão do livro temos Hanifa Assulua, que como todas as mulheres em Kulumani, chamava o marido por ntwangu. “O homem chama-se Genito Serafim Mpepe. Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome.” (COUTO, 2012, p.16).

Mesmo sendo assimilados, todos pertenciam demasiadamente a Kulumani, todo presente era feito de passado.

Em consequência dos ataques de leões às pessoas da aldeia, é contratado um caçador que vem da capital e a ordem de Genito Mpepe para a filha Mariamar é, “enquanto essa gente

estiver em Kulumani, você nem despona o nariz fora de casa”. (COUTO, 2012, p.25). Enquanto o pai proferia as palavras, Mariamar não podia olhá-lo, esse simples gesto em Kulumani é sinal de desrespeito de uma mulher, para um homem, mesmo esse homem, sendo seu pai.

Com a fala de imposição de Genito Mpepe a ordem e o silêncio se reinstalaram na casa:

Eu e minha mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exhibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p. 26).

121

O outro monólogo é construído pelo caçador contratado por políticos para matar os leões comedores de gente, “pois pessoas votam, bichos não” (COUTO, 2012, p. 73), seu nome é Arcanjo Baleiro.

Arcanjo Baleiro é um caçador vindo da capital, seu pai também era caçador, foi morto por um tiro acidental dado pelo filho Rolando, enquanto esse limpava a arma, tarefa dada pelo próprio pai depois de toda caçada.

Martina Baleiro, mãe de Arcanjo Baleiro, também é acometida por subjugação do masculino, do marido Henrique Baleiro. Martina Baleiro foi submetida a Kusungabanga:

(...) o termo Kusungabanga significa <fechar à faca>. Antes de emigrar para trabalhar há homens que costuram a vagina da mulher com agulha e linha. Muitas mulheres contraem infecções. No caso de Martina Baleiro, essa infecção foi fatal. (COUTO, 2012, p. 203).

Dentre algumas mulheres acometidas por violência no escrito de Mia Couto, também temos Tandi, é uma personagem que perpassa entre os monólogos de Mariamar e Baleiro. Tandi, era empregada do administrador da província, foi violentada e morta pelos homens da aldeia por cruzar uma região proibida às mulheres de Kulumani.

Ilustramos tal violência e submissão das mulheres em Kulumani ao transcrever um trecho relatando o estupro coletivo em que Tandi foi vítima:

Relatou o que sucedera: inadvertidamente a empregada atravessou o mvera, o acampamento dos ritos de iniciação para rapazes. O lugar é sagrado e é expressamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição? (COUTO, 2012, p. 148).

Em Kulumani, desobedecer às regras impostas pelos homens às mulheres é um crime maior do que ser vítima de um estupro.

Martina Baleiro e Tandi, juntamente com Hanifa, Silência e Mariamar são parte da realidade sofrida e vivenciada pelas mulheres em Kulumani, a violência, a opressão e submissão impostas às mulheres em cumprimento às regras que os homens criaram.

Em “*A confissão da leoa*” (2012), Mia Couto transcorre sobre a necessidade de retirar da escuridão, do oculto, do que está na alma; no olhar, porém ainda não pode ser dito com uma fala objetiva e transparente pelo feminino, que em Kulumani não pode “preferir, pois nunca foi existência” (COUTO, 2012, p.24). Hanifa, Mariamar e outras mulheres da aldeia estão à margem da história excluídas dia após dia por regras que não escolheram obedecer.

2.3. Sobre os sentidos de violência

Faz-se necessário apresentar alguns conceitos de violência para dialogar com as teorias de Jaime Ginzburg e para entendermos o quão complexo e ambíguo é o assunto. Abaixo, tem-se algumas definições do termo:

Violência, segundo dicionário do Aurélio: “estado daquilo que é violento; ato violento; ato de violentar; veemência; irascibilidade; abuso da força; tirania; opressão; obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação; exercer violência sobre; arrombar; forçar; desrespeitar; constranger-se; desrespeitar-se. Violento adj.: “que age com ímpeto; impetuoso; agitado, tumultuoso; que se faz uso de força bruta; contrário ao direito, à justiça”. (AURÉLIO, 2010).

Violência, segundo dicionário online de Filosofia: Violência⁴.

Vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa trotar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer, força, vigor, potência. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer a sua força e portanto a potência, o valor, a força vital. (DUROZOI e ROUSSEL, 1993.)

Violência, segundo Maria Cecília de Souza Minayo, no livro “Impactos da Violência na Saúde”, organizado por Njane, Assis e Constantino, descrevemos os escritos no primeiro capítulo do livro, 1. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde (MINAYO, p. 23). “A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”.

⁴ <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/violencia>

A violência como um fato humano e social é assim apresentado por Minayo, no primeiro capítulo do livro (2013, p.23):

não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência. Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades. Há sociedades mais violentas do que outras, o que evidencia o peso da cultura na forma de soluções de conflitos. (MINAYO, 2013, p. 23)

O livro também aborda a violência histórica de formas particulares e específicas de cada época dentro de contextos vivenciados nas sociedades, abrangendo assim todas as classes e os segmentos sociais.

Contudo, com estes breves conceitos sobre violência não conseguiremos abarcar quão complexo e ambíguo o termo se refere. Abordamos tão somente a relevância do termo para melhor discorrer nesta pesquisa sobre a análise no objeto de estudo.

Esses breves conceitos dialogam com as teorias de Jaime Ginzburg e demais autores que têm abordado as questões relacionadas à violência no texto literário e como essa violência se aproxima de fatos reais na sociedade, como já mencionado, que serão abordados neste artigo atos de violência a partir da análise da violência no objeto de estudo, o livro “*A confissão da leoa*” (2012)

3. ANÁLISE DO CORPUS: A VIOLÊNCIA PRESENTE NO TEXTO

No livro “*A confissão da leoa*” (2012), Mia Couto começa com um relato sobre uma experiência vivida por ele como biólogo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique, relatando ataques de leões a pessoas

Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. (...). Sugerimos à companhia petrolífera que tomasse em suas mãos a superação definitiva dessa ameaça: a liquidação dos leões comedores de pessoas.

Dois caçadores experientes foram contratados e deslocaram-se de Maputo para a Vila de Palma, povoação onde se centravam os ataques de leões. (...). Vivi esta situação muito de perto. Frequentes visitas que fiz ao local onde decorria este drama sugeriam-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais. (COUTO, 2012, p. 7- 8)

O autor nos apresenta, em seguida, os dois protagonistas, Mariamar e Arcanjo Baleiro, que desenvolvem a obra a partir de seus diários, apresentando os impasses sociais, históricos e psicológicos deixados pela colonização e pela guerra.

Mariamar vive na aldeia em Kulumani com os pais e as irmãs, sofre com a subjugação por meio da exploração, da agressão física e psíquica e da anulação do direito à voz. Uma dessas subjugações acontece com a chegada de visitantes na aldeia e, uma grande refeição está sendo preparada em homenagem a eles pelas as mulheres de Kulumani.

Entretanto, em Kulumani, as mulheres não podem participar das reuniões feitas na aldeia.

Nós, mulheres, permaneceremos na penumbra. Lavamos, varremos, cozinhamos, mas nenhuma de nós se sentará à mesa. Eu e a mãe sabemos o que temos que fazer, quase sem trocar palavras. A mim cabe-me capturar, matar e depenar uma galinha da nossa copeira. (COUTO, 2012, p. 82).

Arcanjo Baleiro é o caçador contratado para matar os leões da aldeia em Kulumani e, que também apresenta traços de violência e tristezas em suas histórias. Baleiro, vivência momentos de violência e subjugação acometidos pelo pai Henrique Baleiro quando esse sai para a caçada e submete Martina Baleiro, sua esposa, mãe de Arcanjo a Kusungabanga, que significa, “costurar a vagina da mulher com agulha e faca” (COUTO, 2012, p. 203) antes de toda a caçada.

Baleiro também tem momentos de melancolia quando recorda episódios do passado. Um desses momentos foi quando o irmão Rolando Baleiro ao realizar a tarefa ordenada pelo pai de limpar a sua arma, acidentalmente um tiro é disparado acertando Henrique Baleiro e com isso ocasionando a sua morte.

Sobre esse estado de melancolia, Jaime Ginzburg (2013), discorre nas páginas do seu livro: “Literatura, violência e melancolia:

(...). Melancólicos são, entre outros, os “que perderam seus filhos e amigos mais queridos, ou algo precioso que não puderam restaurar” (idem, p. 40, tradução minha). O melancólico estaria portanto, em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano. (GINZBURG, 2013, p. 48).

Contudo, a personagem de Arcanjo Baleiro não será, desta vez, objeto de análise. Esta pesquisa recortará a violência através das personagens Hanifa, Silência e Mariamar, em consonância com a base teórica de Jaime Ginzburg.

No livro “*A confissão da leoa*” (2012), objeto de estudo desta pesquisa, nos deparamos com um dos agentes da violência, retratado no personagem de Genito Mpepe (esposo/pai), que embasará a teoria de Jaime Ginzburg sobre a violência dentro de uma delimitação específica:

Aqui a violência é entendida como uma situação agenciada por um ser humano ou um grupo de seres humanos, capaz de produzir danos físicos em outro ser humano ou outro grupo de seres humanos. A violência, tal como definida aqui, envolve o interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou levá-lo à morte. (GINZBURG, 2012, p. 11).

Genito Mpepe é um homem austero, que não mede forças e nem esforços para fazer valer as suas ordens. Como um dos agentes da violência, faz-se valer das leis de Kulumani com a esposa e as filhas. Hanifa Assulua nunca se dirigia ao marido pelo seu nome, as mulheres da aldeia não podiam proferir o nome dos esposos, era um sinal de desrespeito. Mariamar, não podia olhar nos olhos do pai enquanto ele ordenava o que fazer.

Logo, as personagens Hanifa, Silência e Mariamar são exemplares desta teoria, visto que Hanifa (esposa), é alguém que não tem voz, o seu sofrimento vai além das mortes das filhas, ultrapassa a guerra civil e a submissão ao marido anula os próprios desejos. Como demonstra os trechos a seguir:

(...) A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir? (COUTO, 2012, p. 24), e (...) – Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas. (COUTO, 2012, p.43).

Hanifa Assulua era uma mulher em Kulumani. Mesmo tendo um sistema matriarcal, nascer mulher em Kulumani, era menos que nada. Ela tinha acabado de enterrar a sua filha mais velha, Silência, e, não parava de contemplar as nuvens. Em Kulumani havia um provérbio que Deus já foi mulher e se chamava Nungu, que o céu ainda não está acabado e, que são as mulheres que, desde há milênios, vão tecendo esse infinito véu. (COUTO, 2012, p. 13). Por isso Hanifa olhava as nuvens, quando uma mãe perde um filho, um pedaço do firmamento volta a definir.

Ser mulher, ser esposa, ser mãe, perder as filhas, tudo isso em Kulumani era demasiadamente insuportável e doloroso. A submissão de Hanifa Assulua descreve um ato de violência histórico, social, cultural e sexual.

Jaime Ginzburg (2013), aborda situações de crimes de ódio; violência histórica, social e sexual em seu livro que corroboram com as falas da personagem Hanifa Assulua:

(...) na África, países vivem em cotidiano de guerra civil. E estamos falando no âmbito público. Tantos fatos passam por delegacias, e desses sabemos muito pouco. Outros tantos não passam por instituições, e por falta de registro não são de conhecimento público. Mulheres agredidas por maridos, crianças expostas a maus-tratos e abusos sistemáticos. (GINZBURG, 2013, p. 22).

Hanifa Assulua era dominada pelas regras impostas da aldeia, não podia ter voz, não podia ser ouvida, tinha que calar diante das regras pelos homens de Kulumani, pelas regras de Genito Mpepe. Já Silência (filha), apresenta uma forma de violência que perpassa as tradições de Kulumani de insuportável submissão, a violência sofrida por ter sido estuprada pelo pai e o silêncio que emudece a alma: “(...), durante anos, meu pai Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível desgosto.” (COUTO, 2012, p. 187).

O silêncio e a dor de Silência a transportam a uma vida que não era dela. Ser Silência era uma dor insuportável, até para quem fazia parte de Kulumani. Pode-se interpretar essa falta de existência no trecho em que sua irmã Mariamar fala sobre Silência:

(...). Ela era minha irmã, minha amiga. Mais do que isso, ela era a minha outra pessoa. Da parte dela, porém, os ciúmes eram um obstáculo fundo. Silência sempre quis ser eu, viver o que eu vivia, amar quem eu amava. A minha irmã sempre se apropriou dos meus sonhos. (...). Porque ela não tinha alma para, em si, inventar uma outra vida. Estava morta pelo medo. Por isso, quando terminou de viver já não houve falecimento. (COUTO, 2012, p. 241).

Sendo assim, para ilustrarmos a falta de existência de Silência, apresentamos um trecho retirado do livro “Literatura, violência e melancolia” (2013), de Jaime Ginzburg sobre o comportamento melancólico:

O comportamento melancólico é caracterizado por um mal-estar com relação à realidade. Para ilustrar, é como se o sujeito se voltasse indignado: “como pôde me apresentar alguém para amar e depois tirar de mim?”. A realidade é observada como um campo de deslocamento e desconfiança. Contemplativo, o sujeito não conforma com a perda. Embora objetivamente possa ter sido informado do que ocorreu, não aceita a situação, sendo seu objeto de amor insubstituível por qualquer outro. (GINZBURG, 2013, p. 12).

A insuportável submissão que as mulheres de Kulumani eram submetidas, como já foi dito, permite analisar os vários contextos de violência no *corpus* do texto. Silência tinha nascido para satisfazer as vontades do pai. Ser mulher em Kulumani é como nascer morta.

Assim como Silência, Mariamar também sofre com a submissão, com a violência cometida pelo pai, com a tentativa de estupro cometido por outro agente da violência, o policial

Maliqueto Proprio, representado aqui como outro tipo de autoridade, poder e, revelando que tal ato não era errado quando em um dos trechos do livro diz que “em Kulumani não há esquadra, ele tem seus próprios calabouços” (COUTO, 2012, p. 51). Os abusos do policial eram muito conhecidos em Kulumani, porém não eram proferidos, as regras da aldeia davam “poder” aos homens sobre as mulheres.

Mariamar, assim como Silência, era mulher e filha de Genito Mpepe, por isso não estava excluída dos mesmos sofrimentos que a irmã. Em um certo momento de sua juventude, Mariamar adoece. Essa doença era a única coisa que a protegia do seu passado. A casa e a aldeia de Mariamar estavam doentes. “Kulumani já não é um lugar, é uma doença” (COUTO, 2012, p. 87). A doença era uma fuga da realidade, da condição de ser mulher; de ser mulher em Kulumani.

Em um desses sinuosos monólogos que tecem as histórias de violência do *corpus* desse artigo, temos o relato de Mariamar sobre a violência sofrida por ela e acometido por um dos agentes da violência, seu próprio pai, Genito Mpepe:

Hoje sei: a história da minha infância não é senão uma meia verdade. Para desmentir uma meia verdade é preciso bem mais que a verdade inteira. Essa verdade enorme, tão vasta que me escapava, era apenas uma: não foram os castigos físicos que me fizeram estéril. Essa era a versão adocicada inventada por minha mãe. O crime foi outro: durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível segredo. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. Ao fim das tardes, Genito migrava de si mesmo por via da lipa, a aguardente de palmeira. Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado do meu pai. Um estranho processo me fazia esquecer, no instante seguinte, o que acabara de sofrer. Essa súbita amnésia tinha uma intenção: eu evitava ficar órfã. Tudo aquilo, afinal, sucedia sem chegar nunca a acontecer: Genito Mpepe desertava para uma outra existência e eu me convertia numa outra criatura, inacessível, inexistente. (COUTO, 2012, p. 187).

Mariamar e Silência eram objetos de desejo do próprio pai. Mariamar e Silência tornaram-se “mulheres” por um ato de violência, que em seus anseios de meninice, acreditavam ser por amor. Contudo, assim como Silência, Mariamar sofria de uma tristeza insuportável, tristeza de ser mulher, de ser filha de Genito Mpepe e de ter nascido em Kulumani.

Jaime Ginzburg (2013), discorre em seu livro os limites dessa tristeza e violência, e o confronto que o sujeito tem consigo:

O melancólico confronta-se com os limites da existência constantemente, pois associa sua perda à incerteza quanto à possibilidade de que qualquer coisa possa de fato fazer sentido. E um ponto central da condição melancólica consiste na atitude

autodestrutiva. Impregnado de um amor que não pode ser correspondido e jogado em um campo de dor da perda, o sujeito agride a si mesmo, pois quando pergunta por um culpado, querendo responsabilizar alguém por tanto sofrimento, não se poupa, atribuindo a ele mesmo a origem do amor que levou à dor que sente. (GINZBURG, 2013, p. 12).

O impacto que a violência pode causar nas vítimas decorrente a esses atos apresentados no *corpus* desse artigo é também ilustrado pelas teorias de Jaime Ginzburg (2013):

A palavra violência é empregada de diversas maneiras. É comum falar de violência simbólica, ou violência psicológica, para fazer referências a situações de intimidação verbal ou humilhação grave em um ambiente público. O impacto da palavra também remete a vários campos de desumanização e hostilidade, como a generalização da miséria, exploração de crianças e a imposição da fome. Trata-se de uma palavra que é chamada para se falar frequentemente de situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir. (GINZBURG, 2013, p. 10).

Com todos os atos de violência, submissão, omissão, tanto físicos como psicológicos sofridos por Mariamar; uma das consequências foi se tornar infértil, que para as mulheres em Kulumani e em maior importância para Mariamar é não poder contribuir para “tecer esse infinito véu” (COUTO, 2012, p. 13).

Como comprova o trecho a seguir:

Eu Mariamar Mpepe, estava duplamente condenada: a ter um único lugar e a ser uma única vida. Uma mulher infértil em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência., (...) (COUTO, 2012, p. 121).

Em consonância com as teorias de Jaime Ginzburg, apresentamos as motivações históricas, sociais e psicológicas do ou dos agentes de violência e, também abordamos as marcas deixadas em suas vítimas. Hanifa, Silência e Mariamar são vítimas de violência em vários âmbitos de sua existência, deixando marcas muitas vezes invisíveis e irreparáveis, marcas que deixam medo e tristeza. E, conforme Jaime Ginzburg (2013, p. 47), “se o medo e a tristeza perduram por muito tempo, tal estado é próprio de melancolia” (PIGEAUD, 1998, p. 58, tradução de Ginzburg).

As personagens abordadas no romance “*A confissão da leoa*” (2012), do autor moçambicano Mia Couto, retratam muito bem esse sofrimento com o passado pelas perdas em consequência da violência, assim como um presente sem perspectivas de futuro. A tristeza das personagens em relações as perdas e as inquietudes sobre o futuro remetem ao um ser melancólico que corrobora com o trecho retirado do livro “Literatura, violência e melancolia” (2013, p. 48) de Jaime Ginzburg:

Como falar valendo-se desse lugar em que não há sossego? Em que o passado é doloroso, e o futuro não oferece paz? No extremo, esse lugar não oferece nenhuma conciliação. Lugar em que habita “a não síntese, a não dialética” (HANSEN, 2005, p. 75).

Jaime Ginzburg (2013, p.48), também dialoga em seu livro, com Sigmund Freud recortando trechos sobre as marcas deixadas nas vítimas como consequências da violência:

[...] para Freud o sujeito melancólico não delira ou se engana ao recordar o passado. Na verdade, em sua autocrítica, *ele dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas (...)* Ficamos imaginando, tão somente, por que um homem precisa adoecer para ter acesso a verdade dessa espécie. Os melancólicos, então, são bastantes lúcidos, reconhecendo a “realidade” da morte e evitando o *divertissement* de Pascal, aquela digressão elaborada para evitar que se pense na morte: ao se descobrirem incapazes de curar a morte, os homens teriam decidido não pensar nessas coisas. O melancólico, ao contrário, pensa nessas coisas – constantemente, obsessivamente –, mas conclui que de fato a morte e a perda são irreparáveis, para então ser, compreensivelmente, dominado pela tristeza [2006a, p. 72]

Verificamos assim como o *corpus* desse artigo dialoga com as consonâncias de Jaime Ginzburg (2013), em seu livro “Literatura, violência e melancolia”.

Consta também em Cosson (2006), quão importante o letramento literário faz-se necessário em textos que recortam a violência, trazendo a realidade vivida na sociedade para a literatura. Mesmo não sendo uma obrigatoriedade, o texto literário pode retratar aspectos da realidade. Com isso ao trazermos para a literatura fatos que podem acontecer na vida real, o texto ficcional apresenta-se como forma de denúncia em relação à violência existente na sociedade.

O *corpus* desse artigo quando retrata e recorta situações vividas em Moçambique ocasionadas pela guerra civil e por regras impostas às mulheres de Kulumani, permeia com a realidade de uma sociedade recontada no texto literário, embora essa condição não precise ser obrigatória, é defendida por Rildo Cosson (2006), em seu livro “Letramento literário: teoria e prática”:

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2006, s/p).

Hanifa Assulua, Silência, Mariamar, Martina Baleiro, Tandi e tantas outras mulheres de Kulumani, pelos escritos de Mia Couto, no texto literário, apresentam como forma de denúncia a violência sofrida na vida real por outras tantas mulheres que quando não conseguem ter voz diante de uma sociedade marcada pelo preconceito, como forma de justiça, conseguem através da literatura aliviar a dor insuportável e invisível vividas por elas.

Cosson (2006), explicita o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem, ou da linguagem literária, como um modo muito singular de construir sentidos, diferentemente de outros usos de linguagem humana, a interação com a palavra vem da intensidade que é só palavra e da experiência libertária de ser e viver que ela proporciona.

Experiência libertária de ser e viver que proporciona construir sentidos na linguagem literária Cosson (2006), também é abordado por Cândido (2006) no livro “Literatura e Sociedade”.

Cândido (2006), nos estudos sobre “Literatura e Sociedade”, procura focalizar vários níveis de correlação entre literatura e sociedade, abordando que o valor e o significado de uma obra estavam relacionados à condição de mimese, ou seja, exprimir ou não certos aspectos da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial.

Com isso, a crítica literária sugeriu o caminho oposto:

Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14).

Com isso observamos, por ser uma construção simbólica, que uma obra literária pode veicular preconceitos e estabelecer discriminação ou ser um elemento de emancipação.

O termo violência, como já foi dito e abordado nos conceitos dos dicionários Aurélio (2010), dicionário *on-line* de filosofia e no primeiro capítulo do livro “Impactos da Violência na Saúde”, Minayo (2013, p.23), é complexo e ambíguo. O *corpus* desse artigo relacionou questões à violência, ao sofrimento de um povo, à opressão política, social e sexual de sua

época, permitindo assim analisar texto e contexto que motivaram as personagens cometerem tais atos de violência em detrimento das culturas e tradições do seu povo e, as consequências e as marcas visíveis e invisíveis que as vítimas abarcaram ao decorrer de suas vidas.

Com as teorias de Jaime Ginzburg (2013), sobre o ou os agentes da violência causadores de tanta dor e sofrimento, Rildo Cosson (2006), abordando o letramento literário “como um processo de apropriação, dando-nos palavras para dizer o que não conseguimos expressar antes”, Antonio Cândido (2006), com “Literatura e Sociedade”, focalizando que um texto literário não é melhor porque reflete bem a sociedade, mas porque utiliza os espaços vagos para enriquecimento do leitor e, a significação de etnografia literária que nasce e encanta por momentos que estão para ser descobertos, tornando-os mais belos e frágeis a existência humana, analisamos pontos de conexão entre a realidade de um povo e sua história e, como essa história é recontada, retrata na perspectiva da literatura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu analisar através da obra literária “*A confissão da leoa*” (2012), do autor moçambicano Mia Couto, a violência acometida por um ou mais agentes da violência contra mulheres de Kulumani, uma aldeia incrustada por seus costumes, tradições, crenças, localizada ao Norte de Moçambique.

Genito Mpepe é um dos agentes dessa violência, que silencia, força, reforça e esforça para fazer valer sua autoridade como homem em Kulumani, quando estupra as filhas Silência e Mariamar e, anula a existência de Hanifa Assulua, sua esposa.

Os conceitos trazidos para analisar o termo violência, por se tratar de uma palavra que é proferida para frequentemente especificar situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir. E como os agentes dessa violência, suas vítimas e as consequências e marcas deixadas por uma dor insuportável por excelência da sua complexidade nas relações humanas, históricas, sociais, psicológicas, sexuais não é possível chegarmos a uma conclusão. Assim, esse artigo torna-se inconcludente em relação a apresentar soluções para tentar solucionar a violência sofrida em vários âmbitos sociais, culturais, psicológicos, sexuais. O que se tentou foi lançar luz a uma experiência humana retratada no texto ficcional e assim promover, por meio da literatura, a discussão sobre todo tipo de violência sofrido por mulheres, não apenas em Kulumani, mas que nos parece ser algo vivenciado por

muitas mulheres nos quatro cantos do mundo. Violência, que muitas vezes, é sob o par de lentes do texto literário que conseguimos dar visibilidade e voz para essas mulheres.

Procuramos apresentar a relevância de um autor moçambicano, recontar as histórias de um povo devastado pela guerra colonial e guerra civil, mostrando um sofrimento ainda atual e recorrente na vida de tantas mulheres e pessoas, um escritor etnográfico, pois como um antropólogo coleta dados de um grupo social e contamina os narradores de sua literatura. Abordamos o letramento literário para verificar a importância e recortar a violência em textos literários, não como uma obrigatoriedade, e podendo assim retratar aspectos da realidade vividas na sociedade. Apresentamos os vários níveis de correlação entre literatura e sociedade, retratando que uma obra literária por ser uma construção simbólica, pode veicular preconceitos e estabelecer discriminação ou ser um elemento de emancipação.

Por isso, alguns pontos em relação à violência contra mulheres e as consequências deixadas em decorrência dessa violência foram construídos ao longo desse artigo, algumas questões, como a subjugação de mulheres em um determinado contexto, foram retomadas na perspectiva de uma visão da realidade vivenciada por muitos, através do texto literário, que possibilita a qualquer mulher ter voz ao recontar as suas histórias.

Esperamos que este estudo possa contribuir para a área dos estudos literários e, embora este não seja o objetivo desta pesquisa, os professores de literatura de expressão africana possam levar para suas salas de aula questões como essa e muitas outras retratadas nos textos de expressão africana e, assim, promoverem o letramento literário que possa ser emancipador e libertário, como um direito humano, nos termos de Cosson (2006) e Cândido (2006).

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Lílian. **Literatura e Antropologia: Fronteiras e Travessias**. 2007. 92 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná - Dean, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/antropologia/files/2012/11/ÁVILA-Lilian.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.

BACH, Carlos Batista. Sonhos de esperança em uma Terra Sonâmbula. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**: Dossiê: literatura, oralidade e memória, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.1-10, jan./jun. 2008. Semestral.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTO, Mia. **A confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 251 p.

_____. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Record, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013.

MENDONÇA, Elizabeth da Silva. **A etnografia literária de Guimarães Rosa**/ Elizabeth da Silva Mendonça. – São José do Rio Preto, 2018. 291f. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br>>. Acesso em: 12 out. 2019.

NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patricia (Org.). **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013. 420 p.